

A IDENTIDADE CULTURAL DE CAXIAS: MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE UMA REALIDADE

Jandira Fernanda Silva de Paiva (UNIGRANRIO)
jandiarapaiva@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise discursiva sobre a cultura do de Caxias descrita em veículos de comunicação – locais e da capital do Rio de Janeiro. Tem por objetivo descrever as identidades culturais de Caxias construídas socialmente pelo discurso midiático e promover a reflexão sobre o olhar dirigido ao a cultural local. Utilizou-se um estudo qualitativo de notícias e reportagens presentes em jornais e blogs. Busca-se com este estudo analisar o discurso midiático sobre Caxias para refletir-se sobre a importância do arcabouço sociocultural deste espaço para a sociedade.

Palavras-chave: Identidade cultural. Duque de Caxias. Análise do discurso.

1. Introdução

O tema abordado neste artigo é a identidade cultural de Caxias através de suas representações nos jornais *O Globo* e *Caxias Digital* e no Blog de André de Oliveira. O artigo objetiva analisar a concepção dialógica centro-periférica acerca de Caxias e dos meios de comunicação local.

Disserta-se inicialmente sobre algumas concepções teóricas que fundamentam a análise discursiva, expõe-se em seguida a metodologia empregada para a análise do texto que segue o viés analítico da semiótica de Charles Sander Peirce e em terceiro lugar evidenciam-se os posicionamentos da imprensa sobre a cultura de Caxias, observando-se a representação cultural do local nas páginas de jornal e no espaço cibernético.

2. Identidade e cultura

Para iniciarmos a discussão acerca das diferentes concepções sobre as identidades culturais de Duque de Caxias expõem-se inicialmente as aceções sobre o termo identidade para refletirmos os perfis descritos sobre a identidade cultural caxiense.

O entendimento sobre a identidade no iluminismo baseava-se no predomínio da racionalidade. A concepção acerca do sujeito era de um ser único e centralizado. Já na complexa pós-modernidade a centralidade torna-se fragmentação. A identidade é vista como algo transitório e mutável. O autor Bauman (2005) utiliza a metáfora do jogo de quebra-cabeças para representar a construção identitária – um processo contínuo de afiliação a ideias e estilos de vida.

O estudioso polonês, no livro identidade, descreve a complexidade de buscar uma identidade nacional partindo de sua experiência de refugiado. Ao receber uma homenagem não sabia que hino nacional escolher se o hino britânico – o hino da terra que o acolheu ou o hino de sua terra natal que o expatriou. A esposa de Bauman sugeriu a execução do hino europeu que abrangia a terra que o acolheu e seu país de origem. Fato que exemplifica a visão do sociológico sobre a identidade na pós-modernidade.

Para o sociólogo não existe o existencialismo tudo é fluido não é sólido e seguro. A identidade é um processo de construção e uma busca em direção a algo indefinido. O que há é apenas um caminho.

A edificação da identidade é explicada também a partir de um slogan publicitário que foi veiculado em Berlim em 1994. A descrição do sujeito é realizada a partir dos bens de consumo que adquire e são representações de diferentes culturas. “Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro” (BAUMAN, 2005, p. 32).

Evidencia-se na fala de Bauman destacada acima a influência de outras identidades e culturas sobre o sujeito porque a identidade na era da globalização se constrói a partir do diálogo entre as nações.

A partir dos pressupostos de Bauman sobre o sujeito, observa-se que é fundamental refletirmos sobre o ser em uma perspectiva plural. Todo o cenário cultural caxiense é composto por inúmeras faces, crenças, valores e produções artísticas que são elementos fundamentais que cons-

tituem o legado cultural do lugar e são produzidos e divulgados por diferentes sujeitos oriundos desta terra e de muitos outros lugares do Brasil devido ao aspecto cosmopolita de Caxias, ao acolher pessoas de diferentes regiões do país.

Ressalta-se que as concepções acerca do termo cultura também se modificaram ao longo do tempo. Expõem-se a seguir algumas reflexões de Eagleton (2005) sobre o termo cultura para promover a reflexão sobre a diversidade cultural na pós-modernidade

Eagleton (2005) afirma que no princípio a palavra cultura significava um processo material que evoluiu e adquiriu uma denotação espiritual. A semântica da palavra se desdobra das atividades agrícolas, as produções artísticas e ao conhecimento.

A respeito de sua gênese, apresentam-se na obra duas origens latinas para a palavra: *colere* e *colonus*. Enquanto o autor afirma que a primeira possui um campo semântico vasto que vai de cultivar a proteger e também está relacionada à palavra religiosa “culto”, que remete à ideia de cultura a uma verdade sagrada; a segunda evoluiu ao termo colonialismo.

Ao longo do tempo, a conotação da palavra sofre alterações. A primeira, destacada por Eagleton, refere-se ao campo filosófico, relacionando-se ao determinismo, o fazer e o sofrer etc. A cultura como cultivo origina uma oposição entre o natural e o artificial, entre o que o mundo faz e o que se faz ao mundo nesse sentido a cultura é construtivista é uma produção humana.

Eagleton (2005) aproxima a noção de cultura ao significado de manufatura que em sua origem significa habilidade manual e afirma que a palavra não deve ser compreendida de forma reducionista das definições contemporâneas, pois é transcendente.

Apresenta-se em sua obra uma imagem dicotômica do homem relativa à cultura por ser o interior do homem a matéria prima a ser moldada e é a parte do ser que se refina. O homem é um artista que esculpe a si mesmo função realizada também pelo Estado que transmite valores éticos que serão exteriorizados no exercício da cidadania. A humanidade, nesse processo, se parece à natureza porque tem que ser moldada a força, mas difere-se dela por ser auto modelar.

A respeito da política como escultora do homem. Há uma contradição mencionada pelo autor, pois os interesses políticos prevalecem

sobre os interesses culturais. Ele esclarece que a cultura se liga a questões hegemônicas, esculpindo os indivíduos para os interesses de uma nova sociedade. A cultura passa a ser uma crítica social ligada ao *status quo*.

No século XIX a palavra cultura se torna antônimo de civilização ao denotar uma forma de viver com refinamento e esclarecimento. Ter cultura representa ter conhecimento sobre artes, dominar técnicas e avanços referentes ao padrão de uma vida urbana. Essa se opõe à barbárie e ao modo de vida de tribos isoladas que não conhecem padrões referentes à realidade europeia.

A palavra civilização como sinônimo de cultura passa a ser menos plausível no século XIX, momento em que adquire a ideia de diversidade de formas específicas de vida. A partir da visão romântica sobre as colônias a palavra passa a abranger um modo de vida característico.

Na era pós-moderna propõe-se a pluralização do termo para referir-se a cultura de diferentes nações, períodos históricos e de diferentes grupos sociais e econômicos diferentes.

3. A representatividade discursiva sobre Duque de Caxias

Após refletirmos sobre a pluralidade do sujeito e das noções de cultura é necessário discorrer sobre alguns passos metodológicos sobre a análise dos textos selecionados. Optou-se por analisar o discurso proferido nos textos jornalísticos a luz da semiótica americana segundo Peirce para avaliar a representação das identidades caxienses pelos jornais. Através de dois questionamentos principais: Que palavras são ditas e o que as mesmas representam sobre a cultura caxiense?

Peirce (1997) possuía uma visão tricotômica de signo na qual o mesmo é formado pelo fundamento (constituído de qualidades, de materialidade e leis), objeto e interpretante. Tudo que existe poderá ser signo: o material, o imaterial, os valores de uma sociedade, artefatos, pensamento bastando somente gerar interpretação em uma mente interpretadora.

Peirce (1997) retomou o conceito de signo que fora idealizado por Platão tornando-o mais genérico e aplicável a todo e qualquer fenômeno de linguagem, a partir deste momento, possibilitou a compreensão ampla do processo interpretativo explicando-o em uma grande rede de relações tricotômicas.

O cientista dividiu os signos icônicos em três: imagem cuja relação com o objeto repousa na aparência, o diagrama que representa as características internas do objeto, e a metáfora que é a relação de semelhança e analogia com o objeto dinâmico.

Os índices não apresentam distinção entre o seu fundamento e o fundamento do objeto, assim sendo, a materialidade do objeto está exposta no índice, como está no objeto no momento em que a representação se dá. Embora o índice não abranja a totalidade do signo é um recorte do objeto real. A representação simbólica é determinada por leis que predizem o que o signo deverá representar.

Após longos anos de pesquisa, o estudioso concluiu que tudo que surge a mente o faz de forma gradual e determinou assim três níveis de gradação: Qualidade ou primeiridade; reação ou secundidade e mediação ou terceiridade.

A primeiridade é uma experiência inicial em que as qualidades do signo são apreendidas pela mente do intérprete. Como afirma Lúcia Santaella na citação abaixo:

O primeiro é o presente o imediato, de modo a não ser o segundo para uma representação. Ele é fresco e novo, porque se velho seria segundo para uma representação. Ele é iniciante, original, espontâneo e livre, porque seria um segundo em relação a uma causa. Ele percebe toda a síntese e toda a diferenciação, ele não tem nenhuma unidade nem partes. Ele não pode ser articuladamente pensado, [...] Pare pensar e já voou. (SANTAELLA, 1983, p. 45)

A secundidade é a segunda apreensão do fenômeno as qualidades são relacionadas à experiência em um processo associativo. Nas palavras de Santaella (1983, p. 51): “(...) é aquilo que dá à experiência seu caráter factual, de luta e confronto. Ação e reação ainda em nível de binariedade pura, sem o governo da camada mediadora da intencionalidade; razão ou lei”.

Terceiridade é um signo genuíno por ser triádico, neste nível confirmam-se as hipóteses geradas na esfera da secundidade, em um processo denominado por Santaella (1983, p. 51) de “síntese intelectual” a primeira apreensão e as relações que dela decorrem unem-se e o fenômeno é interpretado como signo.

A mente humana interpreta os signos segundo Peirce a partir do processo supracitado, no entanto, no presente trabalho observa-se o caráter simbólico do signo linguístico – a sua representação e o terceiro nível

de gradação interpretativa o momento de síntese intelectual quando os elementos são interpretados.

4. Análise da representatividade da identidade cultural de Caxias

Nas próximas linhas expõem-se as análises dos textos jornalísticos, nas quais se observam alguns signos linguísticos destacados para observar a representação da identidade cultural de Caxias. O primeiro e o segundo texto são da capital do Rio de Janeiro e os três últimos pertencem a imprensa caxiense.

A primeira análise destaca afirmativas de uma jornalista em uma matéria publicada no jornal *O Globo* do Rio de Janeiro. Ela afirma que “alguns municípios não têm acesso à cultura”. Os signos destacados evidenciam uma concepção estreita de cultura presenciada no título do texto no qual destaca a ausência, segundo ela, de salas de cinema em Caxias.

Esta noção de cultura ligada exclusivamente a arte cinematográfica desconsidera outros elementos como expressões artísticas populares, crenças e valores familiares e submete a divulgação da cultura a um espaço físico esquecendo-se da riqueza do legado cultural transmitido oralmente de geração em geração no seio familiar, por exemplo. Além de desprezar o valor cultural dos dois livros lidos por uma jovem citada na matéria ao afirmar: “nunca teve a chance de se aventurar nas páginas de muitos livros”.

Ao ser questionada sobre o acesso à leitura a jovem, criada em Caxias, afirmou gostar de uma obra sobre a vida de Vinicius de Moraes mas o fato que é mais destacado pela profissional em questão é a quantidade de livros lidos e não a qualidade e apressa pela leitura. A jovem demonstra através da afirmativa supracitada que possui conhecimento cultural e tem acesso ao mesmo embora a quantidade de livros lidos seja pequena.

A jornalista descreve a identidade da jovem caxiense como tímida e alguém que responde a perguntas através da utilização dos signos “não sei” por ser uma menina “sem sonhos” que não foi a uma sala de cinema e teatro e leu apenas dois livros a bíblia e um livro sobre Vinicius de Moraes.

A autora da matéria destaca que a jovem nunca foi a shows de dois artistas que estão em ascensão na mídia. Observa-se que estas falas

são utilizadas para justificar a timidez, dificuldade de argumentação da jovem para expressar-se no momento e a ausência de sonhos dela.

A descrição demonstrou que a análise da jornalista desconsidera a pluralidade do ser explicada por Bauman. Transmite uma imagem estagnada de alguém que está concedendo uma entrevista talvez pela primeira vez, como se a jovem sempre tentasse explicar o que pensa introduzindo o seu discurso pelos signos “não sei” e fosse sempre tímida por “não ter acesso a cultura”.

O segundo texto analisado, presente também no jornal “O Globo”, ressalta a manutenção dos folguedos nas periferias em uma matéria cujo título apresentava os signos “genuinamente brasileira” referindo-se a tradição da folia de reis, cheganças, lapinhas, marujadas e congadas.

Destaca-se uma fala de um especialista em história que afirma a importância da manutenção dos folguedos que são definidos pelo estudioso como: “espaços de pertencimento onde as comunidades envolvidas estabelecem formas de invenção da vida pela cultura envolvendo aspectos múltiplos (danças, culinária, vestimentas e culto aos ancestrais) que atravessam gerações”.

Nos signos em destaque observa-se uma concepção plural das noções de cultura que abrange as manifestações populares realizadas por diferentes gerações e por diferentes meios conforme se ressalta na fala do especialista “danças, culinária, vestimentas e culto aos ancestrais”.

Observa-se que a concepção sobre a identidade cultural é menos centro-periférica e respeita os valores da comunidade em análise. O especialista demonstra valorizar as manifestações culturais realizadas por diferentes meios e ao ressaltar a invenção da vida pela cultura através de diferentes componentes da comunidade observa-se a valorização da pluralidade dos seres que produzem a arte mencionada afinal eles -membros da comunidade- inventam a vida pela arte.

No mês de dezembro em 2013, André de Oliveira noticiou em seu blog a utilização dos grafites do artista caxiense Kajá no vídeo clipe de Beyoncé. Kajá afirmou ter se surpreendido por imagens de suas obras em uma propaganda em Buenos Aires observa-se que a cultura de Caxias tornou-se referência mundial através das artes plásticas. A última fala do autor do blog demonstrou a importância da valorização do artista urbano.

Pelo talento do artista ainda veremos muito ainda de seus grafites e quadros de Kajá espalhados pelo mundo. Espero sinceramente que ao menos res-

peitem o artista ao utilizar comercialmente sua criação. Não é por estar na rua que a arte urbana deve ser tratada como uma coisa qualquer. A indústria do entretenimento ao utilizar ao seu modo essas criações, deve no mínimo ter o devido reconhecimento do autor das obras.

Observa-se a partir dos signos destacados que o povo tem acesso à cultura e a produz, divulgando-a em diferentes países devido à qualidade da obra produzida.

No jornal Caxias digital ainda em 2013, divulga-se o *Meeting of Favela em Vila Operária*, evento descrito pelos signos “um dos maiores eventos voluntários de grafite do país” e movimento que “reúne artistas de todos os cantos do Brasil”. Observa-se a exaltação do evento que segundo a propaganda é um dos maiores do país e um reduto que reúne artistas de diferentes lugares do Brasil. Observa-se que Caxias apresenta grandes eventos que são a vitrine da diversidade cultural de nosso país como o festival nacional de teatro realizado em Caxias que segundo foi retirado no jornal “Caxias Digital” concorreu em 2013 ao título de ser um dos maiores festivais de artes cênicas no país e uma vez mais ressaltou-se a participação de produções de todo o país.

5. Conclusão

A partir da análise dos textos observou-se sobre os jornais da capital do Rio de Janeiro que apenas uma reportagem apresenta a concepção de Caxias como um local sem acesso à cultura. A segunda reportagem apresenta a visão de um lugar que preserva tradições esquecidas em muitos lugares de nosso país.

A respeito dos meios de comunicação Caxienses observou-se a divulgação de eventos que reúnem artistas de todo o país e são reverenciados por sua importância a nível nacional e destaca-se a obra de um dos principais artistas de rua, o pintor Kajá, que se destaca mundialmente pelo trabalho que realiza.

Os cidadãos caxienses participam das atividades culturais seja nos folguedos, na pintura de grafites ou nas artes cênicas apreciando as obras do melhor evento do país ou atuando em obras de grande valor artístico.

Como afirma Eagleton na pós-contemporaneidade as noções de cultura são mais abrangentes e a exclusão de um grupo social torna-se inadequada, pois não há povos sem cultura e sem acesso a mesma. Cada povo atravessou processos históricos distintos que influenciaram as pro-

duções culturais de cada país, região ou grupo social. A cultura caxiense é diversificada, cosmopolita e de grande importância para o Brasil e para o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Unesp, 2005.

PEIRCE, C. Salders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

SANTAELLA, L. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Thomson, Learning, 2002.

_____. *O que é semiótica*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983

_____. *Panorama da semiótica de Platão a Peirce*. São Paulo: Anna-blume, 1995

Beyonce e o grafite do caxiense Kaja. Disponível em:

<<http://andreoliveira.com.br/2013/12/beyonce-e-o-grafite-do-caxiense-kaja>>.

Anexos

Sem acesso à cultura: no Brasil, só 9,1% dos municípios têm cinema Carolina Benevides

RIO – Aos 15 anos, Mayra Meireles é quase uma adolescente como qualquer outra: ainda tem cara de menina, sorri timidamente, começa respondendo qualquer pergunta falando "não sei" e faz caras e bocas ao tentar explicar seu ponto de vista. A diferença entre ela e muitos adolescentes brasileiros é que Mayra afirma que "não tem sonhos". Talvez seja, explica, porque nunca esteve numa sala de cinema – "a claridade é só da tela, né?" –, nunca entrou num teatro, nunca viu um show – "gosto do Sorriso Maroto e do Belo" –, nunca teve a chance de se aventurar nas páginas de muitos livros – "Biblioteca? Nunca fui. Só li a Bíblia e um livro do Vinicius de Moraes, que gostei" – ou esteve no circo. A menina, que nasceu em Belford Roxo, na Baixada Fluminense, e foi criada no bairro Chapéu do Sol, em Xerém, na Baixada Fluminense, é a caçula de uma família – pai, mãe e dois irmãos – que também nunca esteve em nenhum desses lugares.

Disponível em:

<http://blogdoandredeoliveira.blogspot.com.br/2010/09/o-globo-desconhece-realidade-cultural.html>

**Neste final de semana acontece em Duque de Caxias
o Meeting of Favela (MOF).**

O evento é considerado um dos maiores eventos voluntários de grafite do país. O MOF reúne artistas de todos os cantos do Brasil, que vem para a Vila Operária colorir os muros dos becos e vielas da comunidade.

O agito será no domingo, a partir das 10 horas, mas no sábado já rola o Pré-MOF e a Chyper de Rua.

Confira no site do evento: <http://www.meetingofavela.com.br>



Disponível em: <<http://www.caxiasdigital.com.br/blog/meeting-of-favela-agita-a-vila-operaria-duque-de-caxias>>.

REPORTAGEM DE CAPA

ALGUMA COISA ESTÁ FORA DA ORDEM NO NATAL

POR UMA FESTA
GENUINAMENTE BRASILEIRA

DIVULGAÇÃO/ANIMA DA CULTURA/SABLA KKKKK

Em meio aos velhos flocos de algodão evocando a neve em pinheirinhos de plástico e as novíssimas árvores naturais carregadas de berinjelas, das rabanadas thai e outras curiosidades cor-de-rosa do Natal 2013, ainda sobrevive nas periferias do Rio (e do Brasil) uma maneira muito tradicional de se comemorar o nascimento de Jesus. São os folguedos natalinos, como são agrupadas manifestações folclóricas como folias de reis, pastoris, cheganças, lapinhas, marujadas e congadas.

O calendário dos festejos em todo país tem início em meados de dezembro e vai até o Dia de Reis, 6 de janeiro, ainda que em muitos bairros do Rio se estenda até o dia 20 de janeiro, dia do padroeiro da cidade, São Sebastião.

— É, em geral, uma tradição muito vinculada às heranças ibéricas e foi muito forte no interior. O crescente processo de urbanização, todavia, tornou o ciclo cada vez mais pobre, derrotado por um modelo de Natal fundamentado em outras referências do Hemisfério Norte: desde a culinária natalina (com suas castanhas, perus e rabanadas mais adequadas ao clima frio) até a figura do Papai Noel, passando pelas músicas normalmente traduzidas do cancionário europeu e americano. É pena, mas esse Natal brasileiro parece que perdeu a parada — lamenta o historiador Luiz Antônio Simas, especializado em cultura popular.

Simas tem razão. Basta perguntar a qualquer criança se, além do aveludado Papai Noel de shopping, ela sabe o que é, o que faz e para que serve uma folia de reis. Como a Sagrada Família da Mangueira, que acontece todo ano na Mangueira; ou a Flor do Oriente, grupo de Duque de Caxias que se apresenta há 150 anos. Ou a Estrela da Manhã, do município de Levy Gasparian.

DUQUE
DE CAXIAS.

A saída da folia de reis Flor do Oriente, em registro de 2011, que resiste há 150 anos na Baixada Fluminense

LEVY
GASPARIAN.

Na região Norte do estado, o grupo Estrela da Manhã se apresenta sempre na noite de Natal, desde a década de 40

Ou as de Valença, o maior polo de folias de reis do estado: são 35 grupos, reunidos em uma associação própria. Ou ainda as pastorinhas que resistem bravamente em Santo Antônio de Pádua, na região nordeste do estado.

Todos têm em comum o fato de representarem, em versos e toadas, e de maneira teatral, as principais passagens da história de Jesus.

— É fundamental preservar os folguedos, porque eles são, muito além da festa, espaços de pertencimento, onde as comunidades envolvidas estabelecem formas de invenção da vida pela cultura, envolvendo aspectos

múltiplos (como as danças, a culinária, as músicas, as vestimentas, o culto aos ancestrais) que atravessam gerações. São essas peculiaridades que dão aos grupos sociais traços distintivos — ensina Simas, lembrando que o "Dicionário do Folclore Brasileiro", do antropólogo Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), traz verbetes que são referências no estudo do tema.

Hoje, os folguedos natalinos fluminenses estão documentados e podem ser acessados no Mapa da Cultura Digital da Secretaria estadual de Cultura (www.mapadecultura.rj.gov.br).

MARILINA FILGUEIRAS

Disponível em: <<http://andredeoliveira.com.br/2013/12/folia-de-reis-flor-do-oriente-destaque-no-jornal-o-globo>>.

FESTIVAL NACIONAL DE TEATRO DE CAXIAS

Agenda Fixa - Duque de Caxias



São duas semanas intensas. Desde 2003, o Festival [Nacional de Teatro](#) de Caxias recebe produções de todo o país e disputa com outras cidades o título de maior [festival de artes](#) cênicas. Organizado pelo Centro de Pesquisas Teatrais (CPT), e pela Secretaria Municipal de Cultura, o evento reúne público de até 20 mil pessoas.

NAVEGUE PELO MAPA



Como parte da premiação, que distribui até R\$ 18 mil aos três primeiros colocados nas categorias adulto e [infantil](#), os espetáculos vencedores podem entrar na [programação](#) do [Teatro Raul Cortez](#). Além das peças, também são premiados os [melhores atores](#), figurino, direção, cenografia, texto, iluminação e maquiagem.

SERVIÇO

Quando: Setembro

Endereço: Teatro Raul Cortez - [Praça](#) do Pacificador, [Centro](#).

Email: producao@raulcortez@gmail.com

Site: <http://www.raulcortez.com.br>

Festival nacional de teatro de Caxias. Disponível em:
<<http://mapadecultura.rj.gov.br/duque-de-caxias/festival-nacional-de-teatro-de-caxias>>

BEYONCÉ E O GRAFITE DO CAXIENSE KAJÁ

18 de dezembro de 2013 Arthurwilliam Deixe Um Comentário

O novo clipe da cantora Beyoncé filmado no Rio de Janeiro, despertou os mais variados comentários e discussões nas redes sociais, em particular vou tocar num ponto que poucas pessoas sabem, que acabando remetendo a arte urbana caxiense. No clipe aparece em algumas cenas o grafite do Kajá, que foi feito no Vidigal. O caxiense Kajá, que é um dos organizadores do MOF, ficou feliz e chegou a comentar nas redes sociais.

André Kajá Man **compartilhou um link.**

Ontem próximo a Rio de Janeiro

Até a Byonce resolveu pegar uma caroninha nos meus auto falantes...
hahaha

No novo clipe da jovem, rola uns flash's da pinturinha no Vidigal.

<http://virgula.uol.com.br/musica/pop/clipe-da-nova-blue-mostra-beyonce-durante-passagem-pelo-brasil>

Não é a primeira vez que Kajá se surpreende com fatos como esse, em outubro numa viagem à Buenos Aires o artista se deparou com uma propaganda na cidade portenha, que utilizou como fundo uma arte sua, e o pior sem pedir autorização ao artista.



Pelo talento do artista ainda veremos muito ainda de seus grafites e quadros de Kajá espalhados pelo mundo. Espero sinceramente que ao menos respeitem o artista ao utilizar comercialmente sua criação. Não é por estar na rua que a arte urbana deve ser tratada como uma coisa qualquer. A indústria do entreteni-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

mento ao utilizarem ao seu modo essas criações, devem no mínimo ter o devido reconhecimento do autor das obras.

Disponível em:

<<http://andredeoliveira.com.br/2013/12/beyonce-e-o-grafite-do-caxiense-kaja>>.